



PROPRIEDADE DO CLUB X

COLLABORADORES

OS DE CASA.



Publicação bi-mensal.—Distribue-se gratis aos pobres.

ANNO II.

RIO DE JANEIRO 1 DE MARÇO DE 1869.

N. 31.

Rio, 1.º de março.

Os folguedos do carnaval, neste anno, assignalaram-se por uma anthitese singular, pelos crepes que os envolveram. As sociedades davam-se as mãos e abraçavam-se fraternalmente, o que deixava antever um divertimento esplendido, sob um Céu azul que nenhuma nuvem toldasse.

Mas a fatalidade havia de conduzir até junto da Sociedade Franceza de Gymnastica uma turba de provocadores e sicarios, d'entre os quaes um se tornaria o assassino do desventurado J. G. Cazenave Nebout.

Que miseria! que cobardia! que infamia!

O riso transformara-se depressa em silencio se-

### FOLHETIM.

#### Labyrintho.

Já se perderam no espaços os echos da estrepitosa vozeria do carnaval, e já não brilham mais á luz do dia as lentejoulas, os ouros e as pedrarias, que adornavam os foliões do *Dimanche* e do *Mardi Gras* (sic).

Tudo passou, como tem passado os mais notáveis acontecimentos com os quaes nem a civilização, nem a humanidade ganham cousa alguma: sensação do momento, extrema alegria ou extremo pezar, e nada mais. As proprias recordações pouco a pouco definham até que se lançam no cahos do esquecimento.

Assim é o carnaval de 1869, assim foram e serão todos os carnavaes do mundo.

Em cada paiz, porém, o carnaval tem uma feição característica. N'uns, predomina o luxo

pulchral, e na pallidez do rosto lia-se a magoa do coração. A Sociedade Franceza de Gymnastica, da qual Cazenave é um dos mais proeminentes e estimados socios, findou no domingo gordo os seus festejos, em consequencia do gravissimo estado de saude do seu extremoso socio. Fez bem: o seu lugar é á cabeceira do moribundo.

Na terça-feira, ao anoutecer, as bandeiras das Sociedades, a meio páo, quasi lambendo o pó das ruas, annunciavam a prematura morte do pobre Cazenave.

Na quarta-feira de cinza, atravessava as ruas da cidade um sahimento funebre, como se hão de ter visto poucos.

O acompanhamento a pé, de 500 pessoas talvez,

e a ostentação, como a servirem de *tableau vivant* ao publico que se agglomera nas ruas e nos theatros; n'outros sobresahe a graça, o ridiculo e o sarcasmo a fallarem ás massas, n'um vestuario simples e desataviado; n'outros, ainda, a nenhuma elegancia do traje, a sua pobreza quasi, contrasta de uma maneira inaudita com a opulencia de espirito do mascarado, com a finura e delicadeza das suas intrigas, com a expansão subtil, mas maviosa, encantadora e polida dos seus amores, no seio mesmo das mais altas e conceituadas familias.

A capital do Brasil, não ha negal-o, segue em geral o primeiro exemplo, e muito pouco o segundo. O terceiro é fructo prohibido! E sabeis o porquê? Porque a educação da familia ainda se acha adormecida no turbilhão de algarismos que tornam desta capital uma praça puramente commercial. Quantas vezes, n'um baile, não estará uma dessas encantadoras e angelicas me-



entre as quaes iam representadas as Sociedades Franceza de Soccorros Mutuos, Bohemia, Tenentes do Diabo, Estudantes de Heydelberg, Chromatica e X deu uma tal imponencia religiosa ao acto, que ninguem deixava de respeitosa e descombrir-se ante o feretro daquella desgraçada victima.

A' beira da sepultura leu o presidente da Sociedade F. de Gymnastica um tocante e eloquente discurso, o qual acabou por jurar sobre o cadaver de Cazenave, que a divisa da sua sociedade, em relação a este, seria desde esse momento: N. P. V. Algumas das outras sociedades devidamente representadas ahi, acompanharam-no nesta manifestação em que a dôr e o sentimento se confundiam com o odio e a maldição a que todos votavam o vil e miseravel assassino.

A missa do setimo dia, no grande templo de S. Francisco de Paula, esteve muito concorrida.

No centro da igreja erguia-se um catafalco e recostado a elle estava o retrato, em tamanho natural, do chorado mancebo, vestido com o seu costume de gymnastica.

A impressão foi dolorosissima.

Acabado o acto religioso, foram lidos discursos por parte dos Estudantes de Heydelberg, Tenentes do Diabo, X, e emprezarios do theatro de S. Pedro.

Receba a Sociedade Franceza de Gymnastica os votos do nosso profundo pezar pelo passamento do seu digno socio, que no seio do Club X possuia, como lá e como em toda a parte onde se apresentava, sinceras amizades e affeições.

Eis o discurso recitado em nome do X: (1)

(1) Por falta de espaço não publicamos hoje todos os discursos

ninas, que nos prendem e arrastam a imaginação como se fôra uma criação do divino pincel de Raphael, ou de Leonardo de Vinci, quantas vezes não estará a scismar, mesmo no vortice de uma walsa, no carregamento de generos que papae espera, e cujo resultado deve concorrer para a sua futura felicidade e ao mesmo tempo eleva-la á aristocracia balofa do dinheiro?

Assim pensava Lopes de Mendonça a respeito de uma ingleza, que elle vira em Gibraltar, e era para elle, artista e poeta, o anjo mais formoso que pudera sonhar em toda a sua vida.

O que quer, pois, o D. Oscar da Barafunda do *Diario do Rio de Janeiro*? Que as Sociedades eduquem para o carnaval as familias? Difficilima empreza, embora não seja impossivel.

Que as Sociedades se eduquem tambem a si para identico fim? E' facil. Quem não sabe, nem pôde erguer-se até á altura de um salão,

« Meus senhores.

« A' hora em que vossas almas se expandiam nas mais innocentes alegrias, nós tambem, socios do Club X, riamos e confraternisavamos com-vôco, pensando que em lugar de assistirmos ao triste e doloroso espectáculo de um assassinato, em lugar de nos vêmos subitamente cobertos de crepe, teriamos de nos saudar mutuamente e de nos abraçar-mos todos.

« Pungente desengano!

« Mão occulta escondia o veneno que devia arrastar-nos um amigo á eternidade, mão infame como a de Caim matando seu irmão, mão vil e miseravel como a dos Borgias conduzindo á morte as suas victima na propria mesa dos seus banquetes.

« E como é feio e tenebroso um acto destes, practicado no seio dos seus amigos, que lhe não podem valer, e ao som de uma vozeria infernal que manifesta o regozijo de todos!

« Quizemos saudar-vos, a um por um, mas havia um lugar vazio entre vós, e nem sequer ergueis as fronte.

« Choraveis? Era justo.

« Vosso companheiro J. G. Cazenave Nebout jazia moribundo no leito das desesperanças e dirigia com o derradeiro olhar, o derradeiro adeus á vida, á familia, que elle via longe, aos seus consocios e aos seus amigos.

« Quem lhe podesse sondar o espirito n'aquelle momento solemne, observaria a serenidade com que elle se desligava da terra, mas tambem havia de ler-lhe no olhar, já embaciado pelo aproximar da morte, que elle exorava vingança contra o

onde a mascara encobre o rosto, más não as más acções, nem os gestos menos delicados, nem as palavras menos polidas, nem o mais leve descuido de boa e fina educação, esse, devemos acreditar que não tem a coragem precisa para hombrear com cavalheiros e com familias, n'uma roda que não é a sua, n'uma atmospheria que lhe é humanamente impossivel suportar.

D. Oscar bem mostra que é marinheiro de primeira viagem. (Repare que isto é apenas uma imagem, e não quer dizer que tenha as mãos callosas como o marinheiro: nota em honra do *Club Fluminense*). Ainda não tem habilidade para presidir a uma arriscada manobra em momentos de confusão.

Faltam-lhe até os termos e expressões, que um habil marinheiro da lingua portugueza, Fr. Francisco de S. Luiz, lhe poderia ensinar.

Mas isso pouco vem ao caso.

No baile do *Club Fluminense* apenas D. Oscar



seu assassino. Vingança! e quem não a exigiria? Vingança só não a queria Christo, porque era de essencia divina, e porque a sua missão na terra fôra sempre perdoar aos máos e abençoar os bons.

« E tu, infeliz Cazenave, que lá do céu assistis-te ao teu sahimento, extremamente humilde, respeitoso e triste, comprehendes se a nossa dôr não é sincera e funda, e se os labios dos que te acompanharam, e aqui se congregaram agora não murmuravam sentidas orações pelo eterno repouso da tua alma.

« Deus é bom e justo.

« Confiemos na sua eterna justiça, porque a sua maldição hade cahir sobre o barbaro assassino, como nos diz o Evangelho que cahio sobre o fratercida Caim.

« Descansa em paz Cazenave. »

#### Por parte dos Tenentes do Diabo.

« Abatem-se os pendões que ha pouco inda se erguiam,  
« Cobrindo a mocidade ebriosa de prazer;  
« Enlutam-se os tropheos que ha pouco inda disiam:  
« O fogo juvenil sente-se aqui arder.

« Foi dura a tranzição e mais sinistra ainda,  
« Porque não foste, ó Deos, que decretaste o mal!  
« Quando em ti, para nós, a piedade é finda,  
« Tuas iras, Senhor, não erguem um punhal!

« Instrumento de Deos! maldito o que assim chama  
« O braço que se esconde e vai despedaçar,  
« Uma existencia em flôr que se aquecia á chamma  
« De intenso, descuidado e juvenil folgar.

achou, por parte do *Club X*, luxo e elegancia nos vestuarios. Ha de permittir-me o illustre *Barafundista*, que lhe faça algumas observações ácerca deste assumpto.

O *chicard* que representava o *relogio politico* podia não ter nenhum d'aquelles predicaos, mas tinha inquestionavelmente o da critica e do sarcasmo, que se reproduziam, como em espelho fiel, na testada do *Diario do Rio*. Pelo menos assim o dizia muita gente. Haveria espirito n'um *chicard* destes, que servio de thema, no theatro, ás mais largas considerações politicas e sociaes? Não, não houve para o *Diario do Rio*, que, se se visse obrigado a achal-o e a confessal-o, não o faria sem que não mordesse primeiramente os labios de raiva e desespero.

E como as grandes dôres devem ser respeitadas, bom é que se respeite tambem esta.

Não haveria ainda espirito na sociedade do *bigode sujo*, formada de socios do *Club X*, e cujas

« Instrumento de Deos o braço que assassina!...  
« A humanidade então seria como o algoz,  
« Que, escravizado á lei que reprobos crimina,  
« A sentença cumprio que um tribunal impoz.  
« E na terra a justiça uma irrisão seria!  
« Um crime o cadafalso e escarneo uma prisão;  
« Se o braço que matava a Deos obedecia  
« Um Deos que lhe impoesse a pena ou o perdão.  
« E qual era mancebo o teu nefando crime?  
« Ser moço? abominar os sentimentos vis?...  
« Se a morte o coração e os labios lhe comprime,  
« Fallai por elle, vós, que este meu canto ouvis!  
« E responde tambem a multidão que em luto,  
« Após seu frio corpo a soluçar passou;  
« Oh! diga se jámais de dôr um tal tributo,  
« A' propria magestade o povo assim pagou!...  
« Desventurado moço! os labios começando,  
« A abrir-se n'um sorrir, fecharam-se n'um ai.  
« Foi como o viajor que ledô descantando,  
« Caminha sobre um prado e n'um abysmo cae.  
« Foi dura a tranzição! e mais sinistra ainda,  
« Porque não foste, ó Deos, que decretaste o mal;  
« Quando em ti, para nós, a piedade é finda,  
« Tuas iras, Senhor, não erguem um punhal! »

#### AOS SOCIOS DO CLUB X.

A COMMISSÃO DA RUA DA QUITANDA, ENTRE A RUA DOS  
OURIVES E ROSARIO.

Sêde bem vindos, confrades, já que não podeis vir *com freiras*, como até certo ponto o autorisava o hermaphroditismo do vosso trajar elegante! Salve sympathicos mancebos, espirituosos rapazes, que sabeis dar ao velho folião Momo os tres dias que lhe pertencem, quando tantos homens serios insistem em tornal-o de um ana-

alfinetadas não pouparam, como tivemos occasião de observar, alguém que tinha relações muito directas com D. Oscar, e se achava no theatro de S. Pedro no baile de terça-feira?! Não houve, porque a trovoada desabou sobre o tecto da casa, e ninguém póde achar que isso seja gracejo de bom gosto.

Presume-se, portanto, que D. Oscar só concederia fóros de espirituoso ao mascara que o incensasse e lhe fizesse uma apologia digna dos homens illustres de Plutarcho.

Estão no animo das sociedades, desde o doloroso e nefasto acontecimento do theatro de S. Pedro, as idéas que D. Oscar emittio a respeito dos bailes publicos do carnaval, e suas distincções. Sente-se que é isso uma necessidade palpitante. Assim esteja em nossas mãos dar-lhe remedio.

DR. EXTRACTUM CARNIS.



chronismo capaz de engulir a folhinha inteira, tal é o perpetuo carnaval em que vivem!

E grave foi o risco, que todos corremos, de ver perdidas as sinceras gargalhadas que vós sabeis provocar.

Tanto se aproximaram as eleições dos vossos dias consagrados, que em muitos entrou o justo receio de que não coubessem dous santos no mesmo nicho! Perdõe a theologia a comparação, que o Santo Padre não póde agora tratar disso, occupado, como está, em confirmar as tristes sentenças que apenas privam alguns dos seus filhos desta vida transitoria, mandando-os para outra, onde talvez não tenham a ventura de encontrar o seu julgador!

Foi um verdadeiro escolho, onde só deixaria de naufragar o velho folgazão, cuja tempera de ferro tem sustentado as mais tremendissimas lutas!

E não foi esta a sua unica victoria! Terrível competidora lhe tem sido a nossa Praça do Commercio, quando está de *paquete*! Vêde os respeitaveis frontespicios dos illustres *libreiros*! não ha n'aquella variedade *physionomica*, n'aquelles queixos cahidos, n'aquellas faces risonhas, n'aquelles aspectos funebres, um carnaval completo?

Não são carnavalescos, á falta de mais exacta designação, aquelles *libreiros* das trévas, sempre promptos a editar luxuosamente as desgraças da patria?

Quem mais do que o nosso heróe se coroou de mirto e rosas, vencendo esses couraceiros de cupido, esses frangos de botica que em dieta de musica, todas as noites se phantasiavam, para figurar no mais carnavalesco dos palcos?!

Quem, como elle, podera lutar e vencer os argonautas de novos vélos de ouro, esses *princezes* d'agora, que teimam em fazer do peito Borda d'Agua, tantas são as cruces de que os adornam?

E as amazonas de Villeta com a respectiva ordenança, e o testamento de Lopes, e o celebre Mac Mahon, e os directores do cambio e tantos outros assumptos, que são outras tantas corôas de louro na fronte que veneramos?

Louvores ao Leonidas de nova especie que, na congregação destas Thermopilas, mais feliz que o primeiro, soube combater á sombra de tantos ridiculos e destroçar gloriosamente os nossos *Persas* de entrudo!

Louvores a vós, primeiros entre os neophitos desta risonha seita, a vós que sabeis alliar á extravagancia do *habito*, a amabilidade do gesto e da phrase!

Ide, amigos, que vos esperam os sorrisos ternos, as palavras suspiradas, as mãos delicadas,

os pés divinos, as cinturas microscopicas, da bella metade da nossa especie, metade que vale um todo, tanto seria dissaborido e tedioso o mundo, se o Creador se não tivesse lembrado que a solidão do vosso primeiro pae era uma cousa impossivel.

Ide acolher-vos a S. Pedro e na hospitalidade desse rejuvenescido careca encontrareis (Oh! heresia) o paraíso de Mahomet, a graça das hauris, estareis, emfim, mais perto do céo, já que tão graciosamente vos recebe o seu eterno porteiro, que, aqui para nós, não sabemos a razão porque ainda não foi nomeado *continuo*!

Ide! e se com o aereo vaporar do vosso espirito não desharmonisa de todo a liquefação do nosso, liquefação traduzida em vulgar por essas garrafas e copos, aceitai o brinde que fazemos ao vosso grupo elegante, aceitai o sincero — avante! que vos dirigimos!

### AO SR. FACCHINETTI.

O Club X louva no Sr. Facchinetti o modo distincto porque se houve em relação aos trabalhos de pintura que lhe foram commettidos. O seu habilissimo pincel movido por feliz e artistica inspiração, deixou produzido na armação dos nossos camarotes, no theatro, a mais original das decorações que hemos visto.

O carro do triumpho do X, embora não extiasse pelas suas assombrosas proporções, era trabalho digno de admirar-se pela maestria do desenho, pela profusão dos dourados, e pela originalidade com que dentro do carro sahia aquelle altivo e portentoso X, que se mostrava sempre o mesmo por qualquer lado que fosse visto. O carro da musica satisfez-nos tambem plenamente.

Com este louvor cumprimos um dever de consciencia, louvor que por ser expontaneo e dirigir-se a um artista de merito, ninguem poderá accusar-o de thurificador e lisongeiro.

X.

SONETO.

Depois de tanto feito assignalado,  
Que o Prata vio, e vê o mundo inteiro,  
Conseguio-se afinal que o patranheiro  
Fosse no *Marmoré* encurralado.

Muito bem, disse o X, está filado,  
E' nosso desta vez o tal bregeiro,  
Péga, cérca, tem mão—nem um argueiro  
D'alli póde escapar sem ser notado.

Mas... effeitos de pura nigromancia,  
Mysterios que o *boletim* de nós esconde,  
Sumio-se o homem da velada estancia.

Caiporismo fatal! Ninguem responde,  
Embora o Club X brade com ancia  
Oh, Solano, onde estás, aonde, aonde?

DEMOCRITO.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.